

Por Ana Carolina Martins

São poucos os lugares que conseguem contar a história de uma cidade apenas com a força de sua edificação. A Estação Cultura, em Campinas, é um deles. Basta atravessar os seus portões para que o barulho do trânsito se dissolva entre os tijolos aparentes, as plataformas silenciosas e os antigos trilhos que ainda resistem ao tempo.

Ali, onde hoje ecoam acordes de concertos, risos de crianças, feiras, exposições e festivais, durante mais de um século o som predominante era o apito estridente das locomotivas anunciando chegadas e partidas que mudaram para sempre o destino da cidade.

A estação ferroviária foi a porta de entrada do progresso, o ponto de encontro de milhares de histórias e cenário de alguns dos momentos mais marcantes da vida campineira. Por ela passaram imigrantes em busca de um novo começo, estudantes carregando sonhos, trabalhadores rumo ao sustento da família, comerciantes, políticos, artistas e personagens que ajudaram a escrever a história do nosso país.

VIGOR ECONÔMICO

Entretanto, para compreender a importância desse legado, é preciso voltar ao século XIX, quando o município vivia uma transformação sem precedentes. Na década de 1860, a urbe experimentava um vigor econômico impulsionado pelas lavouras de café. As fazendas prosperavam, a produção crescia rapidamente e a riqueza começava a desenhá-la uma nova realidade urbana.

Contudo, havia um obstáculo que limitava esse desenvolvimento. O transporte da produção até o Porto de Santos era muito caro, demorado e dependia de longas viagens em carros de boi por estradas precárias.

CHEGADA DOS TRILHOS

E foi a partir dessa necessidade que nasceu um dos maiores empreendimentos ferroviários do Brasil. Em 1867 foi criada a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, responsável pela construção da ligação entre Jundiaí e Campinas, integrando o município à São Paulo Railway, que conectava o planalto paulista ao litoral.

A obra representava muito mais do que a instalação de trilhos, era a promessa de inserir Campinas definitivamente no mapa do desenvolvimento econômico brasileiro.

Depois de anos de trabalho,



Estação Ferroviária da Cia. Paulista em Campinas (1933): erguida segundo padrões arquitetônicos ingleses da época, com tijolos importados da Inglaterra e inspirado no estilo vitoriano

ESTAÇÃO CULTURA

ONDE CAMPINAS EMBARCOU RUMO AO FUTURO

Chegada da ferrovia impulsionou o desenvolvimento da hoje metrópole

o grande dia chegou. Em 11 de agosto de 1872, a locomotiva fez a sua viagem inaugural até o município. A cidade praticamente parou para assistir ao acontecimento.

Autoridades, fazendeiros, comerciantes e moradores reuniram-se para testemunhar a chegada daquela máquina de ferro que simbolizava o ápice da modernidade na época. Para uma população acostumada ao ritmo lento das tropas e das diligências, ver um trem cortando os campos era como enxergar o futuro chegando diante dos próprios olhos.

Naquele instante, poucos imaginavam que a estação se transformaria em um dos maiores símbolos da urbe.

PADRÃO INGLÊS

A construção impressionava. Erguida segundo os padrões arquitetônicos ingleses da época, com tijolos importados da Inglaterra, apresentava linhas elegantes inspiradas na arquitetura vitoriana. O corpo central foi concluído em 1884 e, ao longo das décadas

seguintes, novas alas foram incorporadas ao conjunto, acompanhando o crescimento do movimento ferroviário.

Até hoje, mesmo após mais de 150 anos, a imponência da construção continua despertando admiração em quem passa pelo Largo Marechal Floriano.

A chegada da ferrovia transformou Campinas em velocidade surpreendente. Se antes ela era reconhecida principalmente pela força de suas fazendas, logo passou a ocupar posição estratégica na economia paulista.

Os trilhos aproximaram Campinas da capital, do Porto de Santos e de diversas regiões produtoras do interior. Mercadorias passaram a circular com uma rapidez inédita na época. O café ganhou novos mercados, as indústrias começaram a surgir e os comerciantes encontraram oportunidades antes inimagináveis.

DESENVOLVIMENTO

Ao redor da estação, cresceram armazéns, hotéis, pensões, oficinas, pequenos comércios e

serviços destinados aos viajantes. Novos bairros nasceram acompanhando os trilhos, especialmente a Vila Industrial, que se desenvolveu graças à intensa atividade ferroviária. As oficinas das companhias Paulista e, posteriormente, Mogiana empregavam centenas de trabalhadores especializados, formando uma verdadeira comunidade ferroviária que marcaria profundamente a identidade campinense.

O município se tornou um dos principais entroncamentos ferroviários do Estado de São Paulo e uma referência nacional em transporte sobre trilhos. Da estação partiam e chegavam composições vindas de diferentes regiões, conectando pessoas, produtos, ideias e culturas. Durante décadas, era praticamente impossível contar a história econômica da cidade sem passar por aquelas plataformas.

PALCO DA VIDA

Contudo, a importância da estação jamais se resumiu aos números do comércio ou

às toneladas de café transportadas. Ela tornou-se o palco onde a vida acontecia.

Era ali que famílias inteiras aguardavam parentes vindos de longe. Era dali que jovens embarcavam para estudar na capital ou para iniciar uma nova vida em outra localidade. Era ali que os soldados partiam para conflitos, trabalhadores buscavam oportunidades e imigrantes davam os primeiros passos em uma cidade na qual, rapidamente, aprendiam a chamar de lar.

A estação era, ao mesmo tempo, ponto de partida e de chegada. Um lugar onde a esperança e a saudade caminhavam lado a lado.

Na edição desta terça (11/08), veremos como a Estação de Campinas viveu os seus anos de maior esplendor, recebendo personagens históricos, como o maestro Carlos Gomes e o Santos Dumont, tornando-se o “coração pulsante” da cidade e como ela ajudou a construir uma memória que permanece viva até hoje.